

SANDRA

Um dia destes, quando saía de casa, deparei com o meu vizinho Jossinaldo. Estava no patamar, como que à minha espera. Dos braços cruzados, espreitava uma trela. Arrepiei-me. Eu sempre o tinha evitado, por causa dos ditos e desditos. O homem era conhecido pelo que fazia no parque: levava um peixe a passear pela trela. Caminhava na margem do lago, segurando a trela. No extremo da fita de couro estava amarrado, pela cauda, um gordo peixe. Jossinaldo era, em geral, tido por enfeitado: a cabeça do coitado, diziam, cabia toda num chapéu. E acresce que o temiam, sem outro fundamento para além da estranheza do seu fazer.

E agora lá estava ele, a tira pendente como uma língua que lhe emergia do corpo. Já eu remastigava uns apressados bons dias quando o vizinho se me interpôs e esticou o braço na minha direcção.

- Peço-lhe este favor!

Estremeceste, receoso. Que favor? E era esse mesmo o obséquio: o de ires tu substituí-lo no passeio ao peixe. Esquivaste-te.

CENA DO JÓ

Esquivaste-te, mas o homem não desistiu. Explicou-te que estava a sentir-se doente, desvanecente e que o peixe do lago não podia ficar órfão, sem ninguém para o conduzir na fluência das águas.

- *Por amor, não recuse!* – disse ele.

Então, foste saindo de casa e caminhando ao mesmo passo do afamado vizinho, lado a lado. Na rua olhavam-te, surpresos: então tu autorizavas a companhia do proscrito, em plena via pública? Debaixo dos olhares, lá se dirigiram para o parque e pararam junto ao lago.

- *Veja como ele vem a correr!* – disse-te Jossinaldo.

E era a maior verdade. O peixão, à vista do vizinho, aproximou-se da berma. Jossinaldo debruçou-se e enlaçou a trela à volta da cauda do animal.

- *Vá, pegue na trela para ele se familiarizar consigo.* – disse-te Jossinaldo.

JÓ

Com o coração de fora, lá segurei na corda. O bicho veio à superfície da água e olhou-me com olhos, até me custa descrever, com olhos de gente. E remergulhando conduziu-me ele a mim pela margem. Contornei por inteiro a lagoa para me reencontrar com Jossinaldo.

- *Deixe-me despedir dele!* – disse ele, então.

Ajoelhado sobre as águas, o vizinho disse palavras que não eram de língua nenhuma conhecida. Ficou (tenho medo de dizer) a conversar com o peixe. Depois ergueu-se, com as lágrimas a escorrer, e apertou-me as mãos. Não falou. E retirou-se em silêncio.

Sou eu agora quem, pela luz das tardes, passeia o peixe do lago. À mesma hora, uma misteriosa força me impele para cumprir aquela missão, para além da

razão, por cima de toda a vergonha. E chegam-me as palavras do vizinho Jossinaldo, ciciadas no leito em que desfalecia:

- *Não existe terra, existem mares que estão vazios.*

Dentro de mim, vão nascendo palavras líquidas, num idioma que desconheço e me vai inundando todo, inteiro.